

A QUEM INTERESSA UM GOLPE?



Analisando os últimos acontecimentos de instabilidade sociopolítica em Moçambique (2013), poderemos equacionar alguns itens baseados em factos noticiados pelos *media* locais e internacionais e de outras fontes populares. Esse pressuposto surge por vislumbrar-se um incentivo, na maioria da comunicação social em Moçambique, a um golpe ao actual Presidente do país, no poder desde 2005 (2004). Nesse contexto infere-se que essa situação de críticas muito violentas ao Presidente possam ser uma tentativa de isolar a liderança governativa do país, mobilizando os mais ‘distráidos’ a um levantamento em manifestações de rua, organizadas de dentro, com apoio exterior, imitando as ditas primaveras árabes.

As situações de ruptura socioeconómica e cultural da sociedade moçambicana, dividida em sectores urbanos, suburbanos, periurbanos e rurais, têm dificultado a gestão da coisa pública (*Res Publica*) independentemente da maior ou menor competência das instituições moçambicanas.

O que salta à vista é, que, se por um lado, uma nova oposição política ganha espaço geográfico – o MDM, esta surgirá em detrimento da sua progenitora – a Renamo, e por causa própria ao se desfragmentar em duas variantes: Renamo da cidade e Renamo do mato. Uma que se diz pela paz e outra pela guerra. Uma pela democracia, outra por uma nova ditadura, a partir da região centro.

A própria Frelimo no poder, em eleições multipartidárias, desde 1994, enferma por si mesma de incapacidades conjunturais a vários níveis de organização. Esse handicap é verificável no interior do país, nos ministérios, e no exterior a nível das representações diplomáticas e células partidárias agrupadas em pseudo-associativismos.

Essas situações facilitam os casos de suborno ou corrupção a vários níveis. O compadrio, a bajulação aos chefes e a intriga, serão campos férteis para aumentar o sistema disfuncional do aparelho do estado – ou escangalhamento – apregoado por Óscar Monteiro um dos ideólogos da Frelimo nos terríveis tempos da *dita-dura* e oportunistas de 1975 a 1986.

Ora, este conjunto de situações faz-nos temer da possibilidade do poder cair na rua sem controlo dos próprios mentores, dessas situações, para derrube do governo. As actuais revoluções que começaram na rua ficaram sem controlo. Incontáveis as vítimas e refugiados dentro de seus próprios países e outros nos países vizinhos.

Apesar dos inúmeros alertas ao possível descontrolo da situação, não se compreende por que razão os conselheiros-de-estado (que existirão) não aconselham ao Presidente da República uma reformulação da maneira de actuar em termos de comunicação com a sociedade. Essa falha tem destruído a imagem de qualquer Presidente de um país.

Ter poder é também saber usar esse poder, com conta, peso e medida. O uso de uma polícia musculada demais – indicia medo e sinal de uma situação política difícil ou mesmo impossível de manter por algum tempo.

Por outro lado, a intervenção de qualquer polícia a nível mundial é sempre policial – conter multidões a qualquer custo: foram treinados para isso. Cabe às directivas dos gabinetes de crise saberem controlar as provocações de infiltrados (agitadores de violência) entre os pacíficos manifestantes, e mesmo assim a polícia deveria manter o perímetro de distância, identificar os provocadores, e isolá-los.

As últimas eleições autárquicas em Moçambique (2013) foram um aviso muito sério ao Presidente da República – da sua queda de popularidade, da do governo e do partido Frelimo a nível dos arredores de Maputo e da Beira, Quelimane e Nampula.

Algo vai mal não só no partido que dirige, mas também no governo que comanda. Se calhar a resposta a uma solução esteja mais perto do que julga: de dentro para dentro.

Muitas vezes quem nos quer deitar abaixo por fora, recebe ajuda de dentro.

A Frelimo igual que a Renamo poderá também estar fraccionada.

Porém, a pergunta que não quer calar: **A QUEM INTERESSA UM GOLPE?**

Aviso à navegação: - Este texto destina-se a pessoas inteligentes e de bom senso, e com visão periférica dos factos, numa óptica construtiva. Por tal, este texto não se destina a mentecaptos ou a reaccionários esclerosados, de visão ultrapassada. A esses, seus comentários serão como cadelos que ladram, ao verem caravanas passando. A tais cadelos vadios, só lhes restam, em suas memórias, a poeira dos velhos tempos bafientos. (A carapuça a quem a servir).

Vista da Cidade da Beira



Capital do Centro e das Pescas de Moçambique

O Autarca
Primeiro jornal electrónico editado na cidade da Beira

Propriedade: AGENCIL – Agência de Comunicação e Imagem Limitada
Sede: Rua do Aeroporto – Desvio 2141 – Casa 711 – Beira
E-mail: oautarca@teledata.mz; oautarcabeira@yahoo.com.br
Editor: Chabane Falume – Cell: 82 5984510; 84 2647589 – E-mail: chabanefalume08@gmail.com

O Autarca: Preencha este cupão de inscrição e devolva-o através do fax 23301714, E-mail: oautarcabeira@yahoo.com.br ou em mão
SIM, desejo assinar O Autarca por E-mail (), ou entrega por estafeta no endereço desejado ()

Entidade.....
Morada..... Tel..... Fax..... E-mail.....

Individual () Institucional ()// 2013

Assinaturas mensais MZM – Ordinária: 7.200,00 * Institucional: 14.700,00